

I

Cartas, distâncias, diálogos.

Assim, no plural.

Desse modo encerramos nossa conversa por telefone faz alguns minutos. Várias centenas de quilômetros nos separam, até este limite geográfico do Brasil (o outro nos define). Falamos de teu projeto de exposição. Já havia visto alguns dos trabalhos em curso.

II

Gostaria de escrever um texto a partir das obras de Elida, não como algo secundário ou terciário em relação a sua criação, mas como uma extensão desse criar. Estar/Entrar na frequência. Acreditem, diálogos transformam (possibilidades outras da plástica).

III

O vivido e o vívido erguem-se aqui, enquanto escrevo, articulando silêncios, elementos não-localizáveis, indeterminações.

Novalis: "Todo o visível pressupõe o invisível - o inaudível pressupõe o auclível - o não-sensível o sensível. Talvez também todo o pensável o impensável ..."

IV

Mas o que seria o Avesso?

Instante no desdobramento do mesmo e que gera o outro? Pensem numa luva pelo avesso. O avesso do olhar: "Pointe-à-l'oeil" de Giacometti, por exemplo, mas, ainda na mira da representação. Sei que gostas de Eva Hesse. Mas ainda outras coisas. Aessos processuais e simbólicos. Casulos rubiginosos, pedras doentes, gravidades. Contextos de perdas, úteros sociais, poema sujo. Captadores de chuva, de marcas, poeira de seres. Aessos fluídos, física paradoxal de nossos desastres (a cada segundo).

Água que escorrega, minúscula cachoeira de lágrimas marrons (voltar poeira, reviravoltar). Coar a passagem, escoar (eco que se consome).

Lembro do Edson: Coar, derramar o ar ...

Na cidade, escuto de alguém a expressão: tão magro que está do avesso.

Processos químicos: o tempo nos oxida. Neste instante, esverdeamento do cobre.

V

Segundo dia aqui, aonde vim para o fim de semana.

Amanheceu enferrujado. Respiro.

O ar não-visível que atua na decomposição lenta, que ataca e morde o ferro, como um cão raivoso numa infinita câmera lenta.

Esse mesmo ar que respiro agora. Parte de todos nós.

VI

Henri Maldiney num texto de 1967 (L'Esthétique des Rythmes), afirma: a arte é a verdade do sensível. Já Jochen Gerz em 1989, diz o seguinte:

acho que devemos nos representar a arte como algo sem o qual a vida é apesar de tudo desejável e vivível.

Entre estas duas afirmações transita o Sentimento do Mundo, que se diferencia da Visão do Mundo. Através do sentimento é possível o encontro, e só através desse encontro é possível a arte.

VII

Fim da estadia aqui.

No ônibus, antes de mergulhar no sono, acendo a luz e no meio, do seu foco concêntrico e tremeluzente anoto:

Escrever em trânsito. Guardo um transe escondido na manga.

Vociferar. Sou uma linha esCORrendo para o laranja, a mesma que ...